

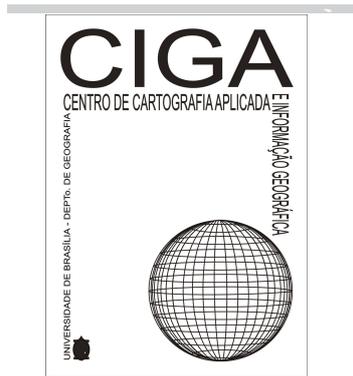
Artigo

O TERRITÓRIO DOS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO: INTERPRETAÇÃO PRELIMINAR

Cleison Leite Ferreira
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

p. 49-85

revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
v.3,n.1 (2012), p. 49:85 ISSN:
2177-4366.

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i1.22233>

Como citar este artigo:

FERREIRA, C. L., *Rafael Sanzio Araújo dos Anjos*. O TERRITÓRIO DOS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO: INTERPRETAÇÃO PRELIMINAR. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.3, n.1 (2012), p. 49:85 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i1.22233>

Disponível em:

<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/86/60>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

O TERRITÓRIO DOS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO: INTERPRETAÇÃO PRELIMINAR

CLEISON LEITE FERREIRA

Geógrafo, Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília – PPGGEA – UnB / Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: cleiferreira@yahoo.com.br

RAFAEL SANZIO ARAÚJO DOS ANJOS

Geógrafo, Doutor em Informações Espaciais (EPUSP-BR/IRD-FR) / Pós-Doutorado em Cartografia Étnica (MRAC-Tervuren-Bélgica), Prof. Associado do Depto. de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) / Diretor do Centro de Cartografia Aplicada - UnB.
E-mail: cartografia@unb.br
Sites: www.ciga.unb.br / www.rafaelsanziodosanjos.com.br

RESUMO: Maracatu-Nação é uma importante manifestação cultural pernambucana presente em Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Igarassu. Foi criado pela população de matriz africana a partir das eleições e coroações de Reis e Rainhas escolhidos em irmandades leigas que congregavam uma grande diversidade étnica entre os séculos XVI e XIX. Apesar das perseguições que as práticas ligadas aos africanos sofreram, o Maracatu-Nação cresceu em quantidade de adeptos e de grupos e é considerado ícone de identidade pernambucana. Se hoje é aceito e representa o sentimento de “pernambucanidade” foi graças às lutas e às estratégias da população de origem africana que teve que negociar seu espaço na cidade que se configura conflituosa, excludente e racista, apesar de ser maioria. Entendemos que o território é a dimensão espacial que mais possibilita entender as dinâmicas sociais no espaço, principalmente quando se trata de uma população historicamente excluída, mas altamente participante do contexto urbano. Suas práticas sociais definem territorialidades que repercutem tanto nas periferias como na área central da Região Metropolitana do Recife, tendo suas sedes como as principais referências territoriais, pois estão inseridas em comunidades e bairros criando vínculos sociais, sentimento de pertencimento e reafirmando as suas heranças africanas. Além de estarem atualmente vinculados ao Xangô, à Jurema e à Umbanda, religiões afro-brasileiras, definindo territorialidades religiosas desde o cotidiano até os dias de carnaval, principalmente no ritual Noite dos Tambores Silenciosos que acontece em homenagem aos ancestrais, denominados Eguns. Foram utilizados como forma de representação espacial e visual dos Maracatus-Nação recursos cartográficos e fotográficos que permitem compreender a sua historicidade e a dinâmica atual, além de serem instrumentos eficazes de leitura e interpretação do território.

PALAVRAS-CHAVE: Maracatus-Nação, Cultura Afro-brasileira, Territorialidades, População de Matriz Africana, Religiões Afro-brasileiras.

ABSTRACT: The “Maracatu-Nação” is an important cultural expression found in Pernambuco, Brazil, in the cities of Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes and Igarassu. It was created by people of African origin from the elections and coronations of Kings and Queens chosen from lay brotherhoods that brought together a wide ethnic diversity between the sixteenth and nineteenth centuries. Despite the persecutions that the practices related to Africans suffered the Maracatu-Nação grew in number of adherents and groups and is considered icon identity of Pernambuco. If

today it is accepted and represents the feeling of “being pernambucano” it was thanks to the struggles and strategies of the population of African origin who had to negotiate their space in the city that sets confrontational, exclusionary and racist, despite being the majority. We understand that the territory is the spatial dimension allows more understanding social dynamics in space, especially when it comes to a population historically excluded, but highly participant in the urban context. Their social practices that reflect both define territoriality in the suburbs as in central area of the Metropolitan Region of Recife, with its headquarters as the main territorial references, because they are embedded in communities and neighborhoods by creating social ties, sense of belonging and reaffirming their African heritage. In addition to being currently linked to African-Brazilian religions – Xango (Candomble), Umbanda e Jurema, defining religious territoriality from the everyday life to the days of Carnival, especially in the ritual “Silent Drums Night” what happens in honor of the ancestors or the “Eguns”. Cartographic and photographic resources were used as forms of spatial and visual representations of Maracatu-Nação, allowing us to understand its historical and current dynamics in addition being effective tools for reading and interpretation of the territory.

KEYWORDS: Maracatus-Nação; Afro-Brazilian Culture; Territoriality; Population of African Origen, Afro-Brazilian Religions.

RESUMEN: El “Maracatu-Nação” es una importante manifestación cultural de Pernambuco, Brasil, en Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes y Igarassu. Fue creado por personas de origen africano a partir de las elecciones y coronaciones de Reyes e Reinas elegidos en hermandades laicas que reunió a una gran diversidad étnica entre los siglos XVI e XIX. A pesar de la persecución que las prácticas relacionadas con los africanos sufrieron el “Maracatu-Nação” crecido en número de adherentes y de los grupos y es considerado icono de la identidad de Pernambuco. Si hoy se acepta y se representa el sentimiento de “pernambucanidade” gracias a las luchas y estrategias de la población de origen africano que tuvo que negociar su espacio en la ciudad que es conflictiva, excluyente y racista, a pesar de ser la mayoría. Entendemos que el territorio es la dimensión espacial que nos permite entender mejor la dinámica social en el espacio, sobre todo cuando se trata de una población históricamente excluida, pero muy participante en el contexto urbano. Sus prácticas sociales que reflejan tanto definir la territorialidad en el suburbios como en la zona central de la Región Metropolitana de Recife, que tengan su sede las referencias territoriales principales, debido a que están incrustados en las comunidades y barrios mediante la creación de lazos sociales, sentido de pertenencia, y reafirmando su herencia africana. Además de estar actualmente vinculado a la Shangó (Candomblé), Jurema y Umbanda (religiones afro-brasileñas), el hecho de que define desde territorialidad religiosa cotidiana hasta el día de carnaval, especialmente en el ritual de “La Noche de los Tambores Silenciosos”, lo que sucede em homenaje a los antepasados, llamados Eguns. Recursos cartográficos y fotográficos fueron utilizados como una forma de representación visual y espacial, que nos permite comprender la dinámica histórica y actual de los “Maracatus-Nação”, y son herramientas eficaces para la lectura e interpretación del territorio.

PALABRAS CLAVE: Maracatus-Nação; Cultura Afro-Brasileña; Territorialidad; Población de origen africana; Religiones Afro-Brasileñas.

INTRODUÇÃO

No Brasil em sua imensa extensão territorial é possível encontrar uma grande diversidade de manifestações culturais construídas ao longo do processo histórico de quase 500 anos pela

população de matriz africana. Isto porque não só no país do século XVI, quando vieram as primeiras embarcações trazendo africanos de diversas etnias¹, como durante os próximos 300 anos tanto os grupos étnicos que chegavam como os seus descendentes, foram firmando-se ser a maioria nos espaços urbanos e rurais.

Nos principais portos e cidades do período colonial e imperial como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, os africanos, a partir de suas diferentes práticas sociais de relação com o espaço anteriores ao período da diáspora e das associações que faziam com as diversas etnias existentes, iam definindo instituições em torno da cultura material e imaterial como a família, a religião e a religiosidade, a culinária, a música, dentre outras. O cotidiano das cidades era preenchido principalmente por saberes e práticas advindas da população “adquirida” em terras africanas para ser mão de obra escrava, que trouxe seu legado histórico, cultural e político contribuindo na formação da sociedade e do espaço nas novas terras, já que ela participava ativamente da vida urbana e rural. Por mais que estivessem colocadas em condições de exclusão e “submissão”, o que não significou passividade e letargia, os africanos estiveram intimamente presentes nas casas, nas fazendas, nas ruas, nas igrejas, o que permitiu de alguma forma inserir suas visões de mundo e criar e (re)inventar ou reelaborar as suas próprias práticas oriundas da África, assim como incorporando referências indígenas e europeias. Apesar da estrutura social que se constituía no espaço colonial e que iria se desdobrar em complexos arranjos espaciais, com uma estrutura centro-periferia, a população africana e afro-brasileira conseguiu agir significativamente não deixando que sua identidade e suas referências étnicas e espaciais com o continente africano se diluíssem.

Esse processo institui um importante componente de análise espacial, o território. Este se torna o melhor instrumento de conhecimento das práticas da população de matriz africana no Brasil, que, secularmente excluída e subjugada, definiu no espaço seus meios de unidade em torno de aspectos étnicos e culturais, dotando-o de sentimentos de apropriação, de poder, de legitimidade a partir de seu legado material e imaterial o qual repercute espacialmente conformando uma identidade. Além disso, é no território onde “estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população” (ANJOS, 2010, p. 7) e é nele que, segundo Santos (2006, p. 13) “desembocam todas as ações, todas paixões, todos os poderes, todas forças, todas as fraquezas”. Vale lembrar que Milton Santos deixou claro que território, aquele que carrega a vida, as práticas sociais, as trocas materiais e espirituais, ou seja, *o território usado*, “é o chão mais a identidade” (SANTOS, 2006, p. 14).

¹ As principais referências étnicas do continente africano trazidas para constituir a formação do território brasileiro foram, como aponta Anjos (2010, p. 13): “Minas, Congos, Angolas, Anjicos, Luandas, Quetos, Hauças, Fulas, Uruás, Ijexás, Jalofos, Mandingas, Anagôs, Fons, Ardas, dentre tantos outros.” Isto permite afirmar que não existia uma homogeneidade no que se refere à cultura, à relação com o espaço e às religiões.

O território também permite reconhecer os processos sociais de exclusão histórica, principalmente no que diz respeito às matrizes étnicas mais expressivas da população e às expropriações dos espaços em detrimento da falta de terra para uma grande maioria, configurando um espaço retalhado em bens para uma parcela detentora de privilégios e inacessível ou precário para os demais. Assim, o território carrega as marcas do passado, a dinâmica atual e as linhas de força que mostram o que pode acontecer no espaço futuramente (ANJOS, 2010).

As ações dos grupos para firmar e controlar seu território se dão por meio de práticas sociais que se definem como territorialidades. Segundo Anjos (2011, p. 16) “a territorialidade se apresenta como um esforço coletivo do grupo social para firmar a sua ocupação, para manter o seu ambiente e ter definido o seu território”.

O objetivo desse trabalho é realizar um estudo geográfico de uma manifestação cultural construída pela população afro-brasileira em Pernambuco, o Maracatu-Nação. Essa manifestação, originária das festividades das coroações dos Reis do Congo, tem mais de duzentos anos de existência e está presente na Região Metropolitana do Recife, onde possivelmente criou elos identitários e definiu territórios a partir de práticas culturais e de aspectos étnicos de matriz africana conformando territorialidades.

Serão utilizados mapas temáticos e fotografias como formas de representação, leitura e interpretação do território, por serem importantes ferramentas de trabalho e de investigação no que se refere aos registros da dinâmica espacial, não devendo ser vistos como produtos com um fim em si mesmo, mas como instrumentos capazes de nos revelar a historicidade da ação humana, suas repercussões no momento atual e as projeções futuras. É importante destacar que, conforme aponta Anjos (2011), os mapas como representação e interpretação gráfica do mundo real são instrumentos eficazes de leitura do território e possibilitam revelar a “territorialidade das construções sociais e feições naturais do espaço e por isso, mostram os fatos geográficos e os seus conflitos.” (ANJOS, 2011, p. 16 e 17).

Com relação à fotografia, Anjos afirma ser um importante recurso documental de conhecimento geográfico devido às “representações e interpretações do tempo, do espaço e da sociedade, que não se cristalizam e não são estáticas” (ANJOS, 2011, p. 17). Ainda, segundo Anjos, o registro fotográfico nos permite constatar na sociedade, principalmente no que se refere à estrutura social de uma matriz cultural, “se esta é rica ou pobre, justa ou discriminatória” (Idem), podendo ser, também, um importante instrumento estratégico de conhecimento do que acontece verdadeiramente no território (ANJOS, 2011).

A seguir apresentaremos a formação histórica do Maracatu-Nação em Pernambuco, como uma construção social da população de ascendência africana no Recife em diferentes contextos,

ressaltando que se suas manifestações tomaram feições diferentes ao longo do tempo isso ocorreu a partir de reinvenções e estratégias garantindo a sobrevivência e a continuidade de suas práticas.

1. AS ORIGENS DO MARACATU-NAÇÃO

Entre as diversas práticas que foram reelaboradas e que possibilitaram a criação de novas manifestações culturais, destacam-se as eleições e coroações de Reis e Rainhas do Congo, realizadas pelas Irmandades do Rosário dos Homens Pretos no Brasil desde pelo menos 1666, em Pernambuco. A escolha e a coroação de um rei e de uma rainha entre os grupos associados em irmandades ocorreram também em outros estados como Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro.

As irmandades ou confrarias do Rosário foram associações leigas incentivadas pela coroa e pela igreja, no Brasil, com a intenção de manter uma “ordem” entre os africanos e criar o espírito devocional e católico, cristianizando-os. Apesar de possibilitarem maior controle sobre os africanos escravizados, elas também serviram para que os diferentes grupos étnicos a elas associados se relacionassem e se afirmassem social e culturalmente, conforme aponta Souza (2006).

Participava dessas confrarias e estava muito presentes em outros espaços sociais no Brasil entre os séculos XVI e XIX uma grande diversidade de nações como congo, angola, benguela, moçambique, mina, cabinda, cassenje entre outras, que em si também carregavam referências étnicas variadas, não devendo ser tratadas homogeneamente.

Em Portugal, antes da colonização de terras brasileiras e da diáspora africana às Américas, já existiam as irmandades leigas, onde foi observado que a população “negra” se identificou com diversos santos católicos devido à representação da cor da pele, como Santo Eslebão, Santa Ifigênia, São Benedito, ou a objetos que remetiam às suas práticas religiosas de origem africana, como o Rosário de Nossa Senhora, que fazia paralelo ao “Òpelè-Ifá”², o que motivou, segundo Tinhorão (2000), a devoção e a adoção dessa santa ao culto católico entre os africanos. As irmandades construíram em diversas cidades brasileiras igrejas dedicadas a seus santos padroeiros, sendo esses muitas vezes associados também aos deuses, os Orixás, que foram trazidos pelos africanos. Assim, mesmo integrando suas crenças e práticas provenientes de seus lugares de origem, a igreja e a coroa permitiram que os africanos se associassem e realizassem suas festas para manter uma aparente passividade diante da diáspora e do trabalho escravo a que foram forçados a conviver.

As confrarias ou irmandades regiam em seus compromissos a eleição de Reis e Rainhas, além de outras autoridades, entre os africanos, e foi muito comum no Brasil até início do século XIX. A escolha levava a um momento festivo, com muita música e dança no estilo africano, a ser

² O Òpelè-Ifá, ou Rosário de Ifá, é um colar utilizado nas consultas sobre o futuro. Tinhorão (2000) sugere que o Rosário de Nossa Senhora foi adotado pelos africanos de forma a encobrir o seu colar tradicional, o Òpelè-Ifá, mantendo assim as práticas de adivinhações, de leitura do futuro e a sorte no amor provenientes principalmente da Nigéria, de onde vem o Culto Iorubá.

realizado no dia de Nossa Senhora do Rosário, quando ocorriam a posse dos cargos e a tão esperada Coroação do Rei e da Rainha eleitos. Tanto a eleição como o dia da coroação eram muitas vezes autorizadas pela coroa portuguesa e apoiadas pela igreja por acharem ser uma prática ingênua e também por terem nos eleitos forma de controle social de seus “confrades” ou “irmãos”, mas às vezes eram cerceadas, pois se percebia a possibilidade de mobilização e de articulação do povo “negro”.

Aos poucos, no Brasil, as irmandades foram se extinguindo no século XIX e com elas as eleições e as coroações de Reis e Rainhas. Não pelas mãos da população de matriz africana, mas a partir da ação do governo de querer aniquilar quaisquer práticas do povo negro, alegando serem sujas e ligadas ao atraso e à desordem, utilizando até mesmo os principais jornais em circulação para influenciar a opinião pública contra a continuidade de tais eventos no espaço urbano. Apesar das perseguições sofridas, a população de ascendência africana ao mesmo tempo em que assistia suas construções se dissolverem se articulou em seus espaços cotidianos em torno do simbolismo e do significado que essas instituições representavam para si. Subjugar os atores sociais como ingênuos e desprovidos de capacidade criadora foi (e ainda é) o meio pelo qual as elites escravocratas, aristocráticas e republicanas buscaram no passado para aniquilar qualquer traço de africanidade na sociedade brasileira. Não se deram conta de que ao mesmo tempo em que a cultura cria raiz, ela não se torna impermeável às mudanças da/na sociedade.

É importante ressaltar que já se encontrava praticamente “cristalizado” ir às igrejas prestar homenagens aos padroeiros espontaneamente e não de forma institucionalizada, a não ser pelo próprio cotidiano, já que as pessoas também criam suas instituições extraordinárias, incomodando as instituições oficiais, amedrontando-as. Ter Reis e Rainhas também já estava consolidado na vida social. Sem sombra de dúvida os momentos festivos e as organizações em torno das coroações, mais que cumprir uma ordem social, representavam espaços de socialização, de trocas de saberes, de conhecimentos formais e informais sobre a vida cotidiana. Neste sentido é que tais práticas e organizações sociais tanto em torno da religiosidade como da realeza presente nos grupos étnicos, passaram a ser extintas para o império e para o clero, mas não para a população, que continuava a realizar suas festas e procissões em homenagens aos santos e às santas das irmandades, sobretudo a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (GUILLEN, 2008, p. 185).

Atualmente, em vários estados brasileiros, podem ser encontradas diversas manifestações culturais provenientes das festas de coroações de Reis e Rainhas, tais como Congadas, Terno de Reis, Moçambiques, Reis Congo, Reisados, Cambindas, Aruendas e Maracatus. Essas tipologias foram se definindo aos poucos e se tornando tradições em cada lugar onde ocorriam as coroações antigas, se adaptando aos contextos históricos, sociais e políticos locais, tanto com relação ao poder

público como à igreja. Isto porque essas manifestações se tornaram festas e procissões da população leiga, nem sempre realizadas pelo alto clero, em homenagem aos santos de devoção da população afro-brasileira. E em muitos casos passaram a se relacionar com religiões de matriz africana, como o Candomblé, o Xangô, a Umbanda e a Jurema.

No Recife, muitas dessas festas e procissões em devoção a Nossa Senhora do Rosário ocorriam acompanhadas por homens e mulheres negros, divididos em “nações” as quais percorriam as ruas da cidade. Cada nação tinha seu rei e sua rainha que eram cobertos por um grande guarda-sol colorido. Formavam uma corte real que acomodava um grande número de pessoas que ou estavam como membros assumindo alguma posição de destaque, ou acompanhavam o ato cantando, dançando ou tocando instrumentos musicais. Essas manifestações presentes no espaço urbano do Recife desde o primeiro ano do século XIX foram sendo gradativamente chamadas de *Maracatu*.

O Maracatu cresceu em quantidade de “nações” e de adeptos em várias cidades da Região Metropolitana do Recife (RMR), tendo suas sedes localizadas em comunidades das áreas centrais e das periferias. Atualmente é conhecido como a principal manifestação cultural de Pernambuco e ícone da identidade recifense, se destacando em eventos durante o ano todo e particularmente no período carnavalesco, realizando a abertura oficial da festa popular.

No item a seguir será apresentada a cartografia dos Maracatus-Nação e sua relação com a cidade do Recife a partir da espacialização das suas sedes, possibilitando não só uma visualização da distribuição dessa manifestação no espaço, como em que contextos foram definindo seus territórios e que leitura é possível de ser realizada tendo o mapa como uma representação gráfica de sua espacialização no contexto metropolitano.

2. ESPACIALIZAÇÃO DOS MARACATUS-NAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Uma definição básica, mas não suficiente para esse trabalho, sobre o Maracatu-Nação é necessária para o seu entendimento estético, visual e formal. Assim, o Maracatu-Nação é um cortejo real que sai às ruas prestando homenagens a Reis e Rainhas (**Foto 1**), levando estandartes e outras insígnias que remetem tanto à realeza portuguesa como as práticas religiosas da população de matriz africana no Brasil.

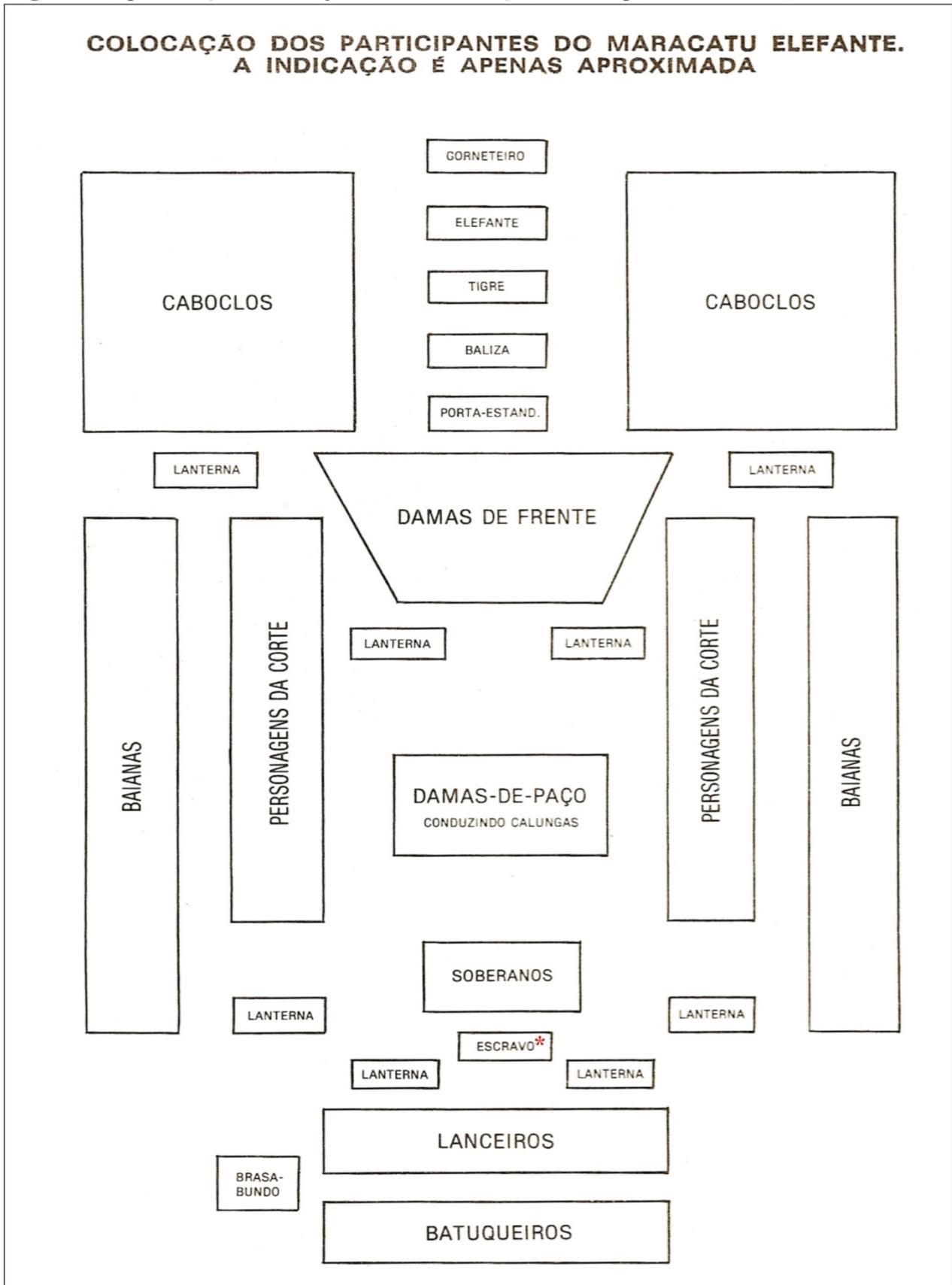
Acompanham o Rei e a Rainha no cortejo outros personagens que também estiveram presentes na diretoria das Irmandades do Rosário e nas Coroações dos Reis do Congo, como Príncipes e Princesas, Damas da Corte, Porta-Estandarte, Porta Pálio (sombreiro). Há também Caboclos, remetendo a presença indígena nos Maracatus, e Damas do Paço que levam uma boneca chamada Calunga (**Figuras 1 e 2**).

Também faz parte do Maracatu-Nação uma parte percussiva (**Foto 2**) formada essencialmente por alfaias (ou bombos), gonguês, tarol ou caixa e mineiro, que executa a parte musical. Há Nações que incorporam na parte percussiva atabaques e agbês o que tem gerado entre os Maracatus debates em torno das tradições (**Figura 3**). A música do Maracatu tem sido motivo de reconhecimento e de fama nacional e internacional, levando a formação de diversos *grupos percussivos* tanto na RMR como em vários estados do Brasil e no exterior.

O Maracatu-Nação é conhecido também como “Maracatu de Baque Virado”, formado apenas por instrumentos de percussão, diferenciando-se do “Maracatu Rural” ou “Maracatu de Baque Solto”. Este, muito comum nas áreas de plantação de cana-de-açúcar, é formado por uma orquestra com instrumentos de sopro e traz muito mais referências indígenas, tanto no seu bailado e nos seus personagens como no seu aspecto religioso, voltado principalmente para a Jurema Sagrada (religião indígena muito presente nos estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba e que cultua seres encantados das matas conhecidos como Mestres(as) e Caboclo(as)), enquanto o Maracatu-Nação possui sua identidade mais voltada para a matriz africana.

As figuras a seguir apresentam o formato do cortejo dos Maracatus-Nação em diferentes períodos. A **Figura 1** refere-se a meados do século XX e a **Figura 2** apresenta um cortejo na atualidade, ano de 2012. Reis e Rainhas do Congo, homens e mulheres escravizados se faziam presentes, o que pode ter levado os Maracatus-Nação a persistirem na representação do escravo ainda na atualidade.

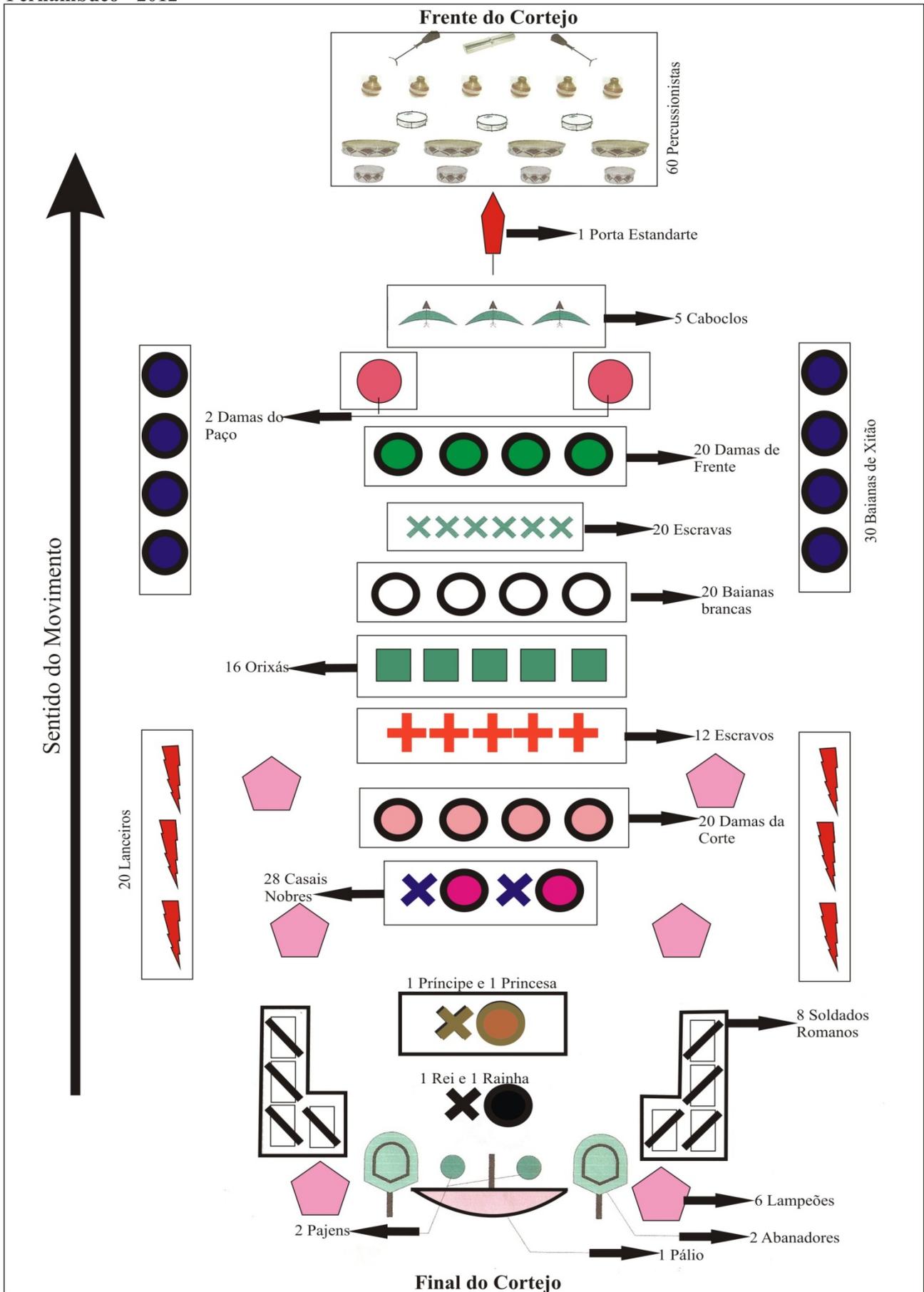
Figura 1: Representação do Cortejo do Maracatu-Nação Elefante por Guerra-Peixe, entre 1949 e 1952



Fonte: GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife, 1981.

*A figura do “Escravo” no Maracatu-Nação representa a condição por que passaram africanos e afro-brasileiros e remete ao sistema escravista que caracterizou a sociedade e a economia entre os séculos XVI e XIX no Brasil. Ressaltamos que nos cortejos e nas festas realizados pelas Irmandades do Rosário do Homens Pretos em homenagens a

Figura 2: Representação do Cortejo do Maracatu-Nação Aurora Africana de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco - 2012



Fonte: Mestre Gervásio Monteiro, Maracatu-Nação Aurora Africana, Fevereiro de 2012. Elaboração: Rafael Sanzio A. dos Anjos e Cleison Leite Ferreira.



Foto 1: Rei e Rainha do Maracatu-Nação Rosa Vermelha, da Comunidade dos Coelhos, Recife – PE.



Foto 2: Batuqueiros do Maracatu-Nação Leão da Campina, da comunidade do Ibura, Recife – PE. Ensaio para a abertura do Carnaval 2012.

Apesar do crescente número de grupos que se dizem ser de Maracatu, estes apenas tem se preocupado em realizar a parte percussiva. São formados em sua maioria por jovens de classe média, de diferentes bairros, muitas vezes universitários, músicos de formação, curiosos pelo “exótico”, que se agregam mais para um momento de diversão do que por uma identidade étnica. Mesmo os grupos que reproduzem os personagens da corte de um Maracatu e suas insígnias, fazem isto sem os vínculos sociais e religiosos. A sua unidade não passa pelo chão. Esses grupos são denominados de “estilizados”, ou como afirmam os “maracatuzeiros”, são grupos de palco.

Dessa forma, pode-se dizer que o Maracatu-Nação se define também a partir de uma essência territorial. Pois está no chão, no terreiro, na terra a sua composição identitária. Ser Maracatu-Nação passa por elos comunitários, afetivos e valores partilhados entre as pessoas que o compõem. A vivência cotidiana coletiva está inserida no que vem a ser Maracatu-Nação e um *ethos*, uma referência étnico-cultural, é central, é o “caldo espesso” que sustenta e agrega pessoas que têm histórias de vida comum. Além da relação com o sagrado advindo das Religiões de matriz africana, que também tem sua essência no território. Aí está o fato de denominar-se “Nação” e não grupo, e é onde podem ser traçadas as fronteiras identitárias entre os grupos percussivos, os grupos estilizados e os Maracatus-Nação.



Registro fotográfico: Cleison L. Ferreira, Bairro do Recife, Recife (PE), Fevereiro de 2012.

Foto 3: Rei e Rainha do Maracatu-Nação Cambinda Estrela, da comunidade de Chão de Estrelas, Recife – PE, acompanhados de percussionistas na abertura do Carnaval 2012. Roupas, adereços e instrumentos feitos na própria comunidade. Cleison Leite Ferreira, Centro do Recife, Fevereiro de 2012.

Figura 3: Os instrumentos de percussão do Maracatu-Nação

<p>Alfaia</p>  <p>A maioria dos Maracatus fabrica e afina suas alfaias em suas sedes, envolvendo um saber compartilhado na família e na comunidade entre as gerações. As mais tradicionais são feitas do tronco de uma árvore chamada macaíba, o que deixa o instrumento bastante pesado. Mas podem ser feitas de compensado. O som é tirado da parte que é coberta por couro de cabra, de bode ou de bezerro, presa por um arco amarrado com cordas de sisal. É conhecido também como bombo ou afaia. Guerra-Peixe (1981) o denominou de zabumba. Porém em pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2012, nenhuma nação utilizou tal denominação. Recife, Janeiro de 2012.</p>	<p>Mineiro</p>  <p>Também chamado ganzá, o mineiro parece que foi aos poucos sendo introduzido no Maracatu, pois o musicólogo Guerra-Peixe em suas pesquisas tanto documental como de campo, entre 1949 e 1952, identificou que apenas o Maracatu-Nação Estrela Brilhante o possuía e que seu nome teria a ver com a Costa da Mina. Atualmente todas as Nações utilizam o mineiro, fazendo com que acelere o andamento da música do Maracatu. Recife, Janeiro de 2012.</p>	<p>Gonguê</p>  <p>Guerra-Peixe (1981, p. 58) afirma que o nome desse instrumento vem de <i>ngonge</i>, palavra de origem banto. É semelhante a um outro instrumento cujo nome vem do iorubá, e é chamado de agogô. Porém o gonguê tem apenas uma campânula e é tocado em eventos de rua. Enquanto o agogô é menor, possui duas campânulas e é utilizado nos rituais de Xangô. Esse instrumento vem na frente da percussão, como um abre-alas. Segundo um informante membro do Maracatu-Nação Leão Coroado, assim como o agogô, esse instrumento «vem pedindo agô» que em iorubá «significa licença, permissão». Recife, Janeiro de 2012.</p>
<p>Tarol</p>  <p>O tarol, também conhecido como caixa, pode ser feito de madeira, com couro de animal e amarrado com cordas de sisal. Esse instrumento dá o andamento da música do Maracatu e preenche os espaços deixados pelas alfaias, que têm a batida forte e espaçada. O instrumento de metal é industrializado, enquanto o de madeira é feito de forma artesanal, num processo parecido ao das alfaias. Recife, Janeiro de 2012.</p>	<p>Atabaque</p>  <p>O atabaque é um instrumento novo nessa manifestação. Muitas Nações os têm incorporado na parte percussiva, o que tem gerado debates sobre as tradições. Esses instrumentos são utilizados em cerimônias religiosas do Xangô e segundo os que se afirmam mais tradicionais não podem entrar no Maracatu e devem ser respeitados pela sacralidade que os envolve. Jaboatão dos Guararapes, Março de 2012.</p>	<p>Agbê</p>  <p>O agbê também é um instrumento novo no Maracatu. É de tradição gêge-nagô e tem uma função parecida com a do mineiro. Além de acelerar a música, preenche os espaços vazios deixados pelos outros instrumentos. Sua incorporação ao Maracatu está ligado à busca das referências africanas, de uma afirmação identitária e de força política na cultura. Jaboatão dos Guararapes, Março de 2012.</p>

Registros fotográficos: Cleison L. Ferreira, Região Metropolitana do Recife, entre Janeiro e Março de 2012.

Fontes: GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife, 1981; Entrevistas com Mestres de Maracatus entre Janeiro e Março de 2012. A quantidade de instrumentos varia entre as Nações, sendo que as alfaias são as mais numerosas. No ano de 2012 foi identificada uma Nação composta por 111 instrumentos, sendo 65 alfaias, 2 mineiros, 6 gonguês, 18

tarois (6 de metal e 12 de madeira) e 20 agbês. Cada parte percussiva contém um Mestre e um Contra-mestre, que regem e organizam a percussão.

Em 2006 foram registrados vinte e três Nações de Maracatu em Pernambuco (**Mapas 1 e 2**), nos municípios de Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu e Cabo de Santo Agostinho. Já em 2012, o número de Nações subiu para vinte e sete (**Quadro 1**), tendo suas sedes localizadas em comunidades de Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Igarassu (**Mapas 3 e 4**). A princípio o Maracatu-Nação encontrava-se localizado nas áreas centrais das cidades, ou em suas proximidades, onde a população de matriz africana disputava no espaço urbano lugar com a elite local. Também se encontravam nessas áreas os principais espaços simbólicos e de sociabilidade da população africana, como as igrejas onde realizavam suas devoções, as coroações de Reis e Rainhas e as festas, e seus terreiros de Xangô³.

Diversas situações foram responsáveis pelos deslocamentos dessa população para áreas distantes do centro ou de pouco interesse às elites locais como os canais, as áreas alagadiças, os altos dos morros (**Mapa 6**). Entre as ações que levaram a população a distanciarem-se dos seus espaços simbólicos seguindo em direção a um novo contexto urbano destacam-se, associadas e sucessivas principalmente nos anos 30 e 50, as políticas higienizadoras; as políticas de modernização dos centros urbanos e o consequente investimento imobiliário para padrões de construções que atendessem à classe média, aos industriais e aos comerciantes; e as constantes perseguições às religiões e a outros aspectos culturais da população de matriz africana.

Porém a população não abandonou as suas práticas, pois ao mesmo tempo em que ajudou a construir novos bairros, nestes construiu sociabilidades em torno da cultura e da religião, levando consigo seus cultos às divindades africanas, os Orixás, e seus Maracatus, imprimindo no território suas referências étnicas e culturais e definindo territorialidades. Além disso, a própria cidade do Recife e sua Região Metropolitana se constituíram território do Maracatu-Nação e por isso abarcam a identidade construída pelas práticas culturais da população de africana.

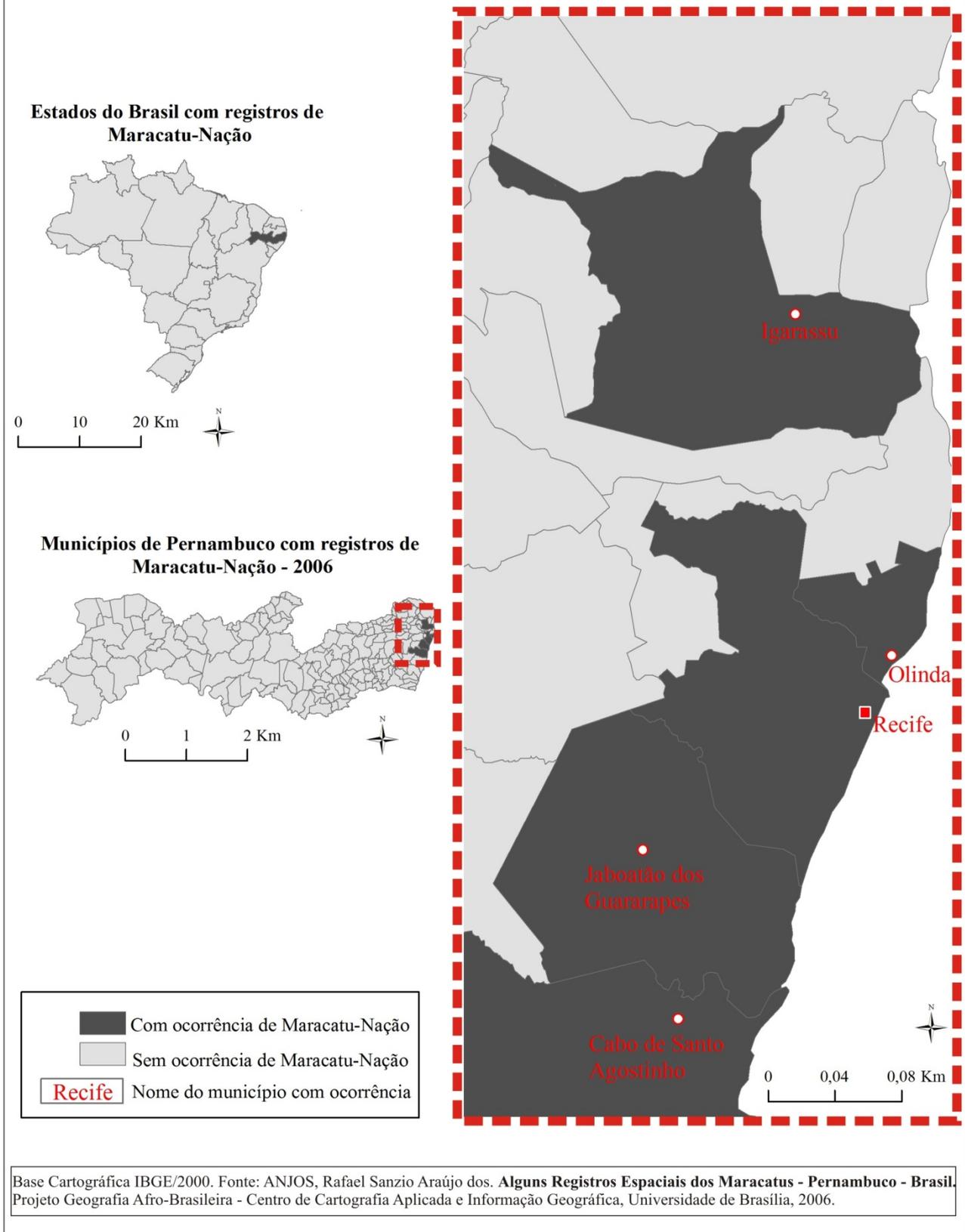
³ Em Pernambuco o Candomblé é conhecido como Xangô. Essa Religião de Matriz Africana no Brasil não é um todo homogêneo. Ela é resultante de processos históricos e de contextos diferentes pelos quais passou a população afro-brasileira, que teve que em cada lugar do país se articular por meio de distintas maneiras como forma sobrevivências e manutenção de suas práticas. O Candomblé é caracterizado também pelas diferentes formas de culto aos Orixás, sendo reconhecidas por Nações. Na Bahia, por exemplo, os terreiros de Candomblé são predominantemente identificados como Nação Ketu. Já em Pernambuco, o Xangô tem grande parte de seus terreiros identificados como Nação Nagô. No Maranhão, no Piauí, no Pará e no Amazonas predomina o Tambor de Mina, religião de Nação Jeje-Nagô.

QUADRO 1 - OS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO – 2012

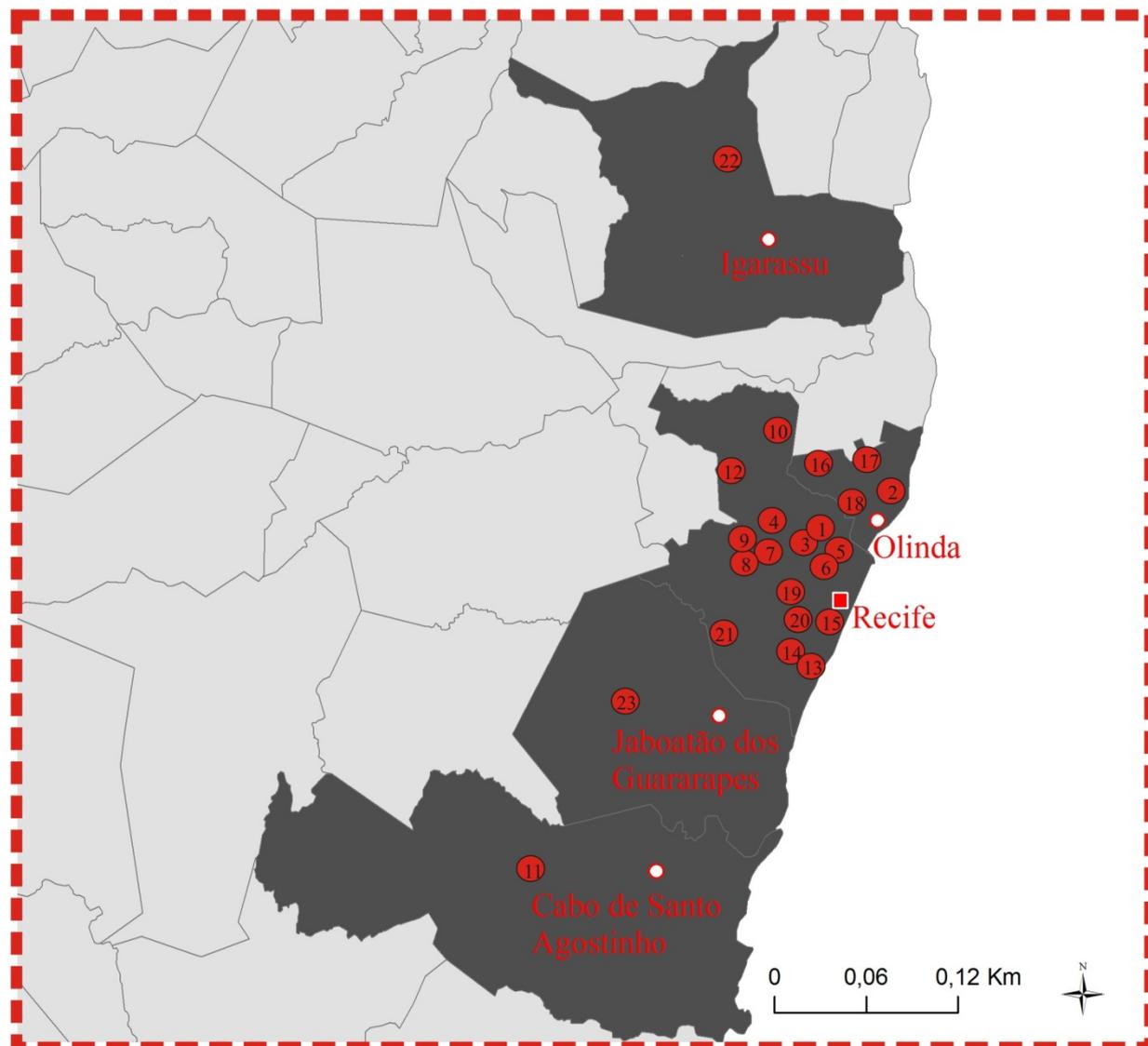
NOME DO MARACATU	ANO DE FUNDAÇÃO	BAIRRO ATUAL DA SEDE	COORDENADAS GEOGRÁFICAS
Nação Elefante	1800	Bomba do Hemetério Recife	8°1'14.48" Sul 34°54'3.90" Oeste
Nação Estrela Brilhante de Igarassu	1824	Sítio Histórico de Igarassu	7°48'38.02" S 34°55'25.26" O
Nação Leão Coroado	1863	Águas Compridas Olinda	7°59'36.93" S 34°53'35.16" O
Nação Estrela Brilhante de Recife	1906	Alto José do Pinho Recife	8°1'23.39"S 34°54'11.98"O
Nação Porto Rico	1916	Pina Recife	8° 5'38.23"S 34°53'18.33"O
Nação Almirante do Forte	1931	Bonji Recife	8° 3'48.26"S 34°55'6.48"O
Nação Cambinda Estrela	1935	Chão de Estrelas Recife	8° 1'11.53"S 34°53'0.35"O
Nação Cambinda Africana	1964	Campina do Barreto Recife	8° 0'53.74"S 34°52'48.71"O
Nação Tigre	1975	Peixinhos Olinda	8° 0'29.94"S 34°52'53.77"O
Nação Encanto do Pina	1980	Pina Recife	8° 5'31.32"S 34°53'23.99"O
Nação Linda Flor	1984	Macaxeira Recife	8° 0'58.80"S 34°55'49.22"
Nação Sol Nascente	1986	Água Fria Recife	8° 1'20.09"S 34°53'43.41"O
Nação Tupinambá	1989	Vasco da Gama Recife	8° 1'11.23"S 34°55'21.16"O
Nação Gato Preto	1989	Alto dos Coqueiros Recife	8° 0'34.26"S 34°54'1.51"O
Nação Estrela Dalva	1990	Joana Bezerra Recife	8° 4'24.28"S 34°53'41.39"O
Nação Leão da Campina	1997	Ibura Recife	8° 7'50.17"S 34°56'54.91"O
Nação de Luanda	1997	Cidade Tabajara Olinda	7°58'48.17"S 34°52'17.30"O
Nação Axé da Lua	1998	Peixinhos Olinda	8° 0'59.94"S 34°52'21.95"O
Raízes de Pai Adão	1998	Água Fria Recife	8° 1'18.86"S 34°53'41.65"O
Nação Encanto da Alegria	1998	Mangabeira Recife	8° 1'28.47"S 34°54'15.14"O
Nação Encanto do Dendê	1998	Guabiraba Recife	7°59'6.47"S 34°55'52.92"O
Nação Rosa Vermelha	2001	Bairro dos Coelhos Recife	8° 4'2.23"S 34°53'14.01"O
Nação Aurora Africana	2001	Vila Rica Jaboatão dos Guararapes	8° 7'8.72"S 35° 1'38.40"O
Nação Oxum Mirim	2002	Afogados Recife	8° 3'53.22"S 34°54'40.54"O
Nação Estrela de Olinda	2004	Guadalupe Olinda	8° 00'27.6"S 34°51'21.2"O
Nação Lira do Morro da Conceição	2010	Morro da Conceição Recife	8° 1'13.9"S 34°54'44.5"O

Fonte: Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco, Janeiro de 2012. Elaboração: Cleison L. Ferreira e Prof. Rafael Sanzio A. dos Anjos. Apoio técnico: Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica – CIGA/UnB.

MAPA 1 - OCORRÊNCIAS DE MARACATU-NAÇÃO NO BRASIL - 2006



MAPA 2 - REGISTROS ESPACIAIS DOS MARACATU-NAÇÃO PERNAMBUCO - BRASIL - 2006



Nomes das Nações de Maracatu

- | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| 01- M.N Raízes de Pai Adão | 13- M.N Porto Rico |
| 02- M.N Leão de Judá | 14- M.N Encanto do Pina |
| 03- M.N Sol Nascente | 15- M.N Estrela Dalva |
| 04- M.N Elefante | 16- M.N Leão Coroado |
| 05- M.N Cambinda Africano | 17- M.N de Luanda |
| 06- M.N Cambinda Estrela | 18- M.N Axé da Lua |
| 07- M.N Gato Preto | 19- M.N Almirante do Forte |
| 08- M.N Encanto da Alegria | 20- M.N Oxum Mirim |
| 09- M.N Estrela Brilhante do Recife | 21- M.N Leão da Campina |
| 10- M.N Linda Flor | 22- M.N Estrela Brilhante de Igarassu |
| 11- M.N Gerreiros de Oyó | 23- M.N Aurora Africana |
| 12- M.N Encanto do Dendê | |

Legenda

-  Número de identificação do Maracatu
-  Município com registro
-  Município sem registro
-  Nome do Município com registro

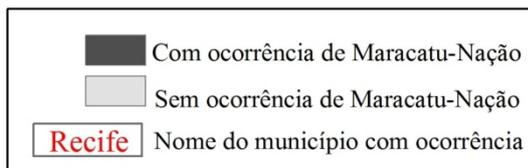
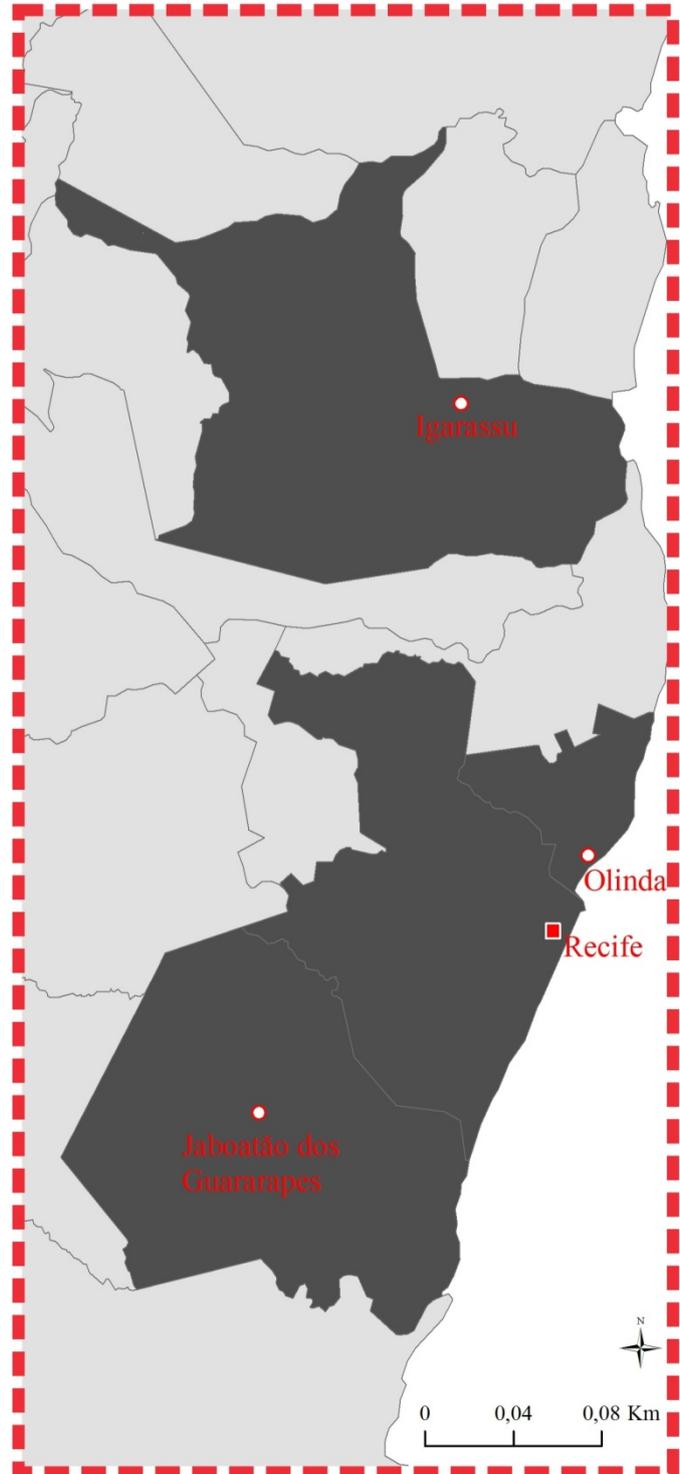
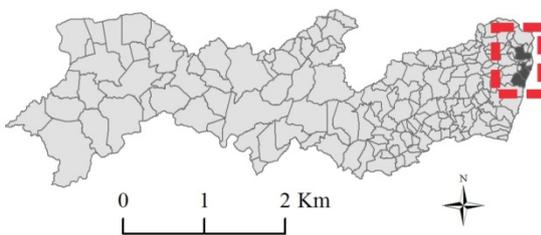
Base Cartográfica IBGE/2000. Fonte: ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Alguns Registros Espaciais dos Maracatus - Pernambuco - Brasil.** Projeto Geografia Afro-Brasileira - Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica, Universidade de Brasília, 2006.

MAPA 3 - OCORRÊNCIAS DE MARACATU-NAÇÃO NO BRASIL - 2012

Estados do Brasil com registros de
Maracatu-Nação - 2012

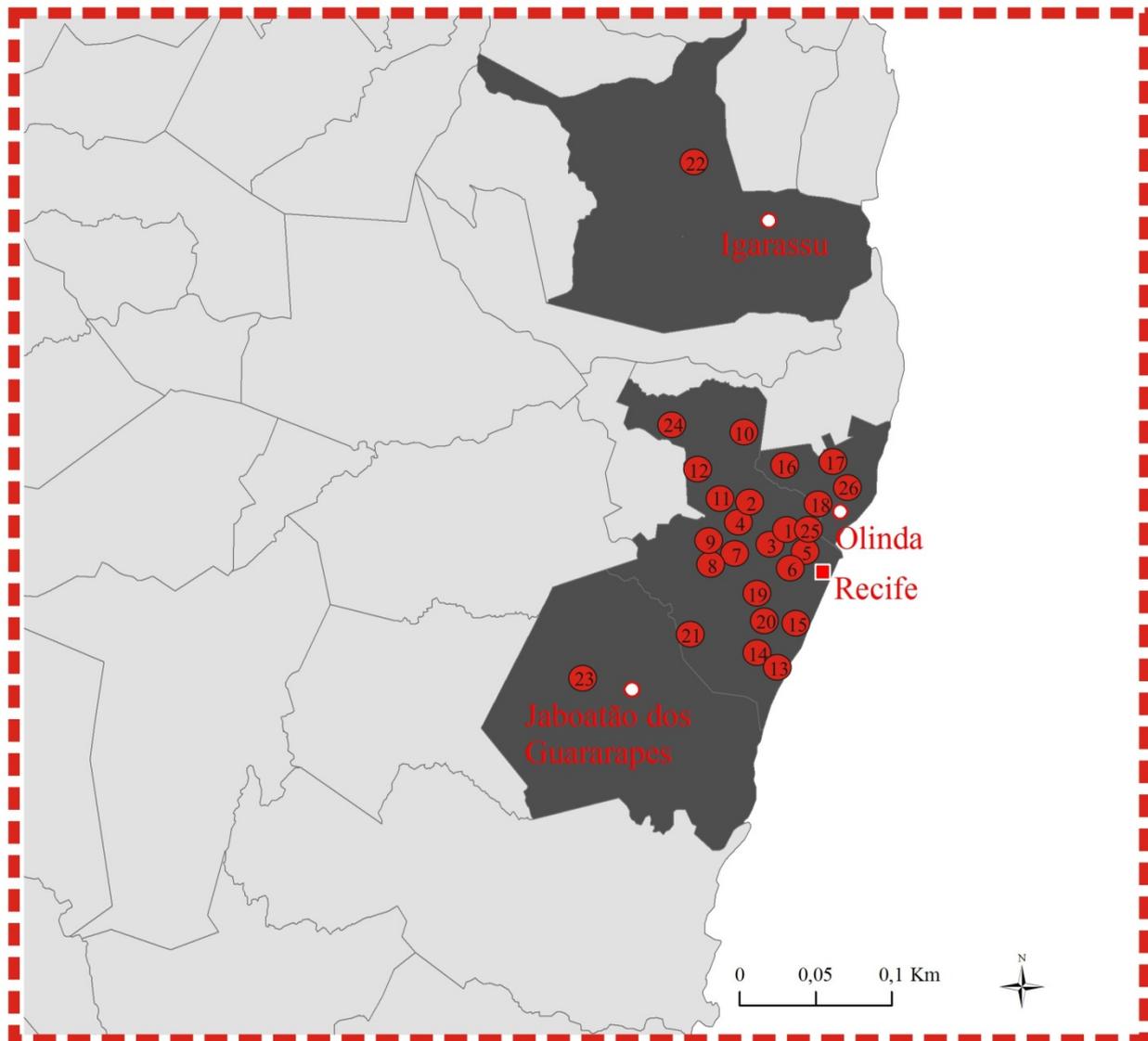


Municípios de Pernambuco com registros de
Maracatu-Nação - 2012



Base Cartográfica IBGE/2000. Fonte: Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco - AMANPE, Janeiro de 2012. Elaboração: Cleison Leite Ferreira.

MAPA 4 - REGISTROS ESPACIAIS DOS MARACATU-NAÇÃO PERNAMBUCO - BRASIL - 2012



Nomes das Nações de Maracatu

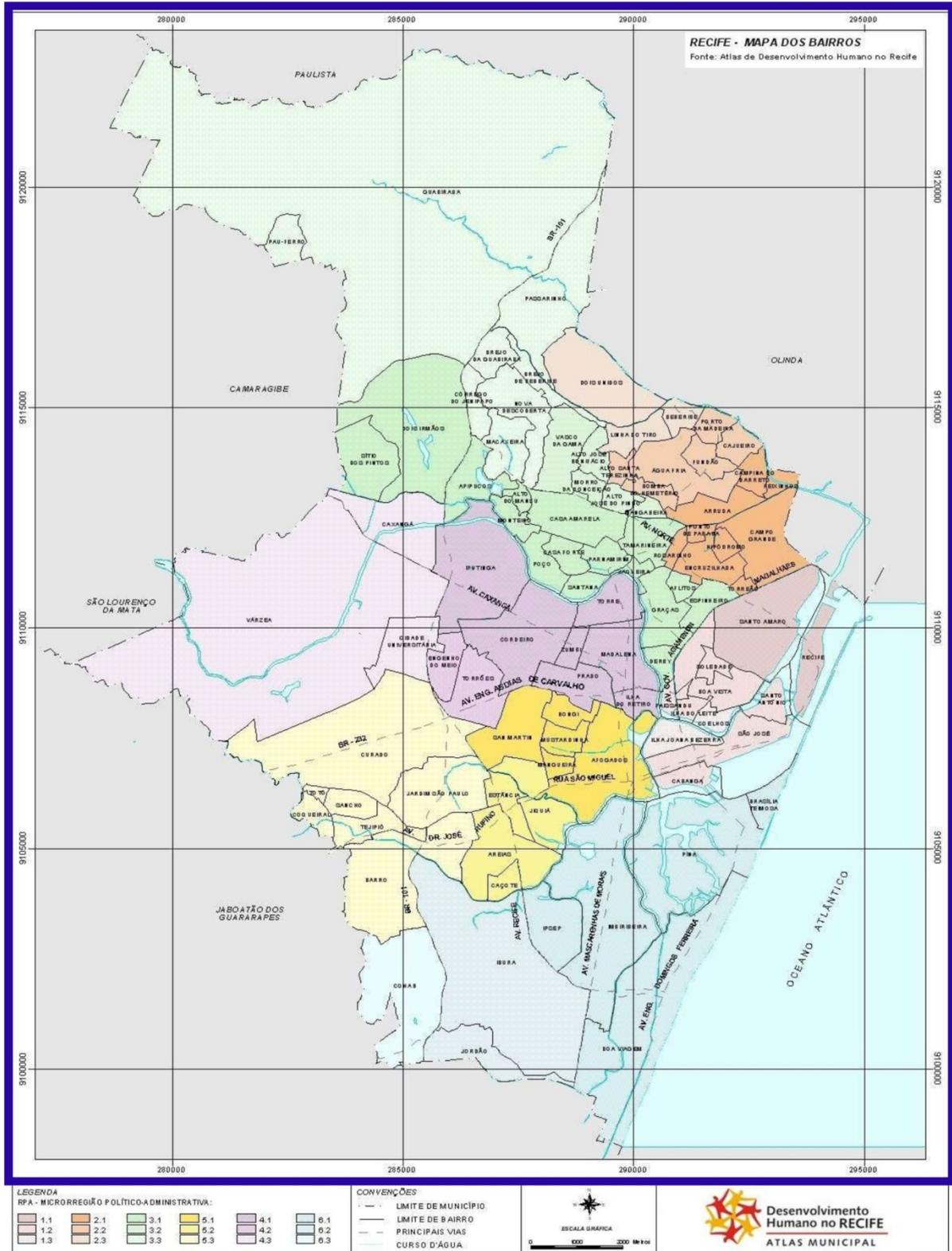
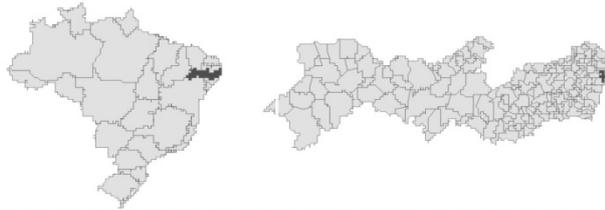
- | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| 01- M.N Raízes de Pai Adão | 15- M.N Estrela Dalva |
| 02- M.N Centro Grande Leão Coroado | 16- M.N Leão Coroado |
| 03- M.N Sol Nascente | 17- M.N de Luanda |
| 04- M.N Elefante | 18- M.N Axé da Lua |
| 05- M.N Cambinda Africano | 19- M.N Almirante do Forte |
| 06- M.N Cambinda Estrela | 20- M.N Oxum Mirim |
| 07- M.N Gato Preto | 21- M.N Leão da Campina |
| 08- M.N Encanto da Alegria | 22- M.N Estrela Brilhante de Igarassu |
| 09- M.N Estrela Brilhante do Recife | 23- M.N Aurora Africana |
| 10- M.N Linda Flor | 24- M.N Tupinambá |
| 11- M.N Lira do Morro da Conceição | 25- M.N Tigre |
| 12- M.N Encanto do Dendê | 26- M.N Estrela de Olinda |
| 13- M.N Porto Rico | 27- M.N Rosa Vermelha |
| 14- M.N Encanto do Pina | |

Legenda

-  Número de identificação do Maracatu
-  Município com registro
-  Município sem registro
-  Nome do Município com registro

Base Cartográfica IBGE/2000. Fonte: Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco - AMANPE, Janeiro de 2012. Elaboração: Cleison Leite Ferreira. Apoio técnico: Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica - CIGA/UnB.

MAPA 5 - OS BAIRROS DO RECIFE



Fonte: PREFEITURA DO RECIFE, Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife - Atlas Municipal, 2005.

MAPA 6 - MARACATUS-NAÇÃO DA ZONA NORTE DO RECIFE E DA COMUNIDADE DE PEIXINHOS EM OLINDA - 2012



Legenda

	Localização da Sede do Maracatu-Nação		Curso d'água com recebimento de esgoto doméstico, com ocupação urbana em área plana e de mangue
	Terreiro de Xangô		Estádio de Futebol, no bairro do Arruda.
	Ocupação urbana em encostas e morros		Área de lazer improvisada Campo de futebol
	Esgoto doméstico e ocupação urbana em área plana		

Base Cartográfica IBGE/2000. Imagem: Google Earth de 16/11/2011. Fonte: Núcleo de Cultura Afro-brasileira da Prefeitura do Recife, em Janeiro de 2012. Elaboração: Cleison Leite Ferreira. Apoio Técnico: Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica - CIGA/UnB.

Os **Mapas 1 e 3** mostram o Maracatu-Nação como um fenômeno da cultura afro-brasileira presente apenas no estado de Pernambuco, e dentro deste estado as ocorrências são em cidades da Região Metropolitana do Recife. A questão primordial que permite afirmar o Maracatu-Nação estar associado ao Recife encontra-se numa série de fatores que envolvem a formação histórica, a composição e as referências étnicas, as religiões, os simbolismos e os elos comunitários. Práticas sociais que dotam o espaço de valores sentimentais de pertencimento e de apropriação, o que configura a formação de territórios.

Existe uma concentração de sedes de Maracatus-Nação numa área da Região Metropolitana do Recife, que é a Zona Norte do Recife e parte do Oeste de Olinda, observável no **Mapa 4** e em detalhe no **Mapa 6**. As sedes estão localizados em comunidades dos bairros de Água Fria, Campina do Barreto, Bomba do Hemetério, Alto Santa Terezinha, Mangabeira e Peixinhos (**Mapa 5**). Nesse recorte espacial localiza-se grande parte da população desterritorializada da área central da cidade do Recife, principalmente a população de matriz africana, por motivos já brevemente apontados. Nessa área concentram-se também diversos terreiros de Xangô, de Umbanda e de Jurema, como Terreiro Nagô Obá Ogunté (conhecido na cidade como Sítio de Pai Adão) no bairro de Água Fria e o Terreiro Xambá Santa Bárbara, na comunidade de Portão do Gelo, em Olinda. Assim, essa área está permeada de valores e sentimentos compartilhados por uma comunidade, que tem traços comuns tanto no que diz respeito à situação socioeconômica como com relação aos aspectos identitários. Um *ethos* une e preenche essa localidade, dentro de um espaço maior, diferenciando-o da totalidade, não como um fragmento de espaço, mas um rearranjo, uma nova base territorial onde a população pouco atendida por políticas públicas e secularmente perseguida se re-territorializou e instituiu um lugar seguro para suas práticas culturais e religiosas.

Corrêa (2006, p. 252) destaca que o ato de desterritorializar-se é entendido “como a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território” e, para o mesmo autor, re-territorialidade ou nova territorialidade significa a criação de novos territórios através ou da reconstrução parcial dos velhos territórios ou, em outros lugares, de um território novo que contém parte das características do velho território (CORREA, 2006).

Os deslocamentos forçados e promovidos pelo Estado e a demanda por moradia das populações mais pobres, sobretudo as de matriz africana, fizeram com que a cidade do Recife se espraiasse principalmente em direção à Zona Norte onde há uma fisiografia definida por áreas planas e de domínio de morros. E é onde se concentra o maior adensamento populacional, com um total de 205.986 habitantes ocupando uma área de 14,89 Km². Houve também a ocupação de outras

áreas distantes do centro que promoveram a unificação da população desterritorializada em torno de aspectos identitários e sociais comuns, em grande parte dos que se referem à identidade étnica de matriz africana, tendo os Maracatus-Nação como a principal estratégia de ocupação, delimitação e identificação do território.

No **Mapa 6** é possível observar com mais detalhe as características da área onde há uma maior concentração do Maracatu-Nação. Além de ser um terreno em grande parte acidentado com domínio de morros, a população convive com a escassez de água, o precário saneamento básico, pouco calçamento das ruas, poucas áreas verdes e muitos canais por onde passa o esgotamento sanitário das residências em direção aos cursos d'água.

Cada sede representa o espaço físico onde estão guardados os objetos do Maracatu-Nação, onde são confeccionados roupas, instrumentos musicais e é o ponto de referência da Nação. É também espaço de sagração e vivência religiosa. É a partir dela de onde irradiam as ações e mobilização cultural que repercutem no espaço e é para ela que se direcionam a busca por vínculos sociais e identitários, realizando um ciclo alimentado interna e externamente. E nesse movimento é que são definidas territorialidades, conforme veremos a seguir.

3. TERRITORIALIDADES NAS SEDES DOS MARACATUS-NAÇÃO DO RECIFE - PE

As sedes dos Maracatus-Nação estão inseridas, conforme já exposto, num contexto metropolitano excludente. Apesar das mazelas sociais que acompanham os maracatuzeiros, estes não se intimidam e se articulam diante da pouca visibilidade que têm enquanto moradores da cidade, criando estratégias que os levam não só a se revelar nos seus espaços cotidianos como no centro da cidade e em outros espaços públicos.

Buscaremos traçar algumas práticas dos Maracatus-Nação que se construíram aos poucos e que repercutem em toda a Região Metropolitana do Recife, instituindo uma identidade de matriz africana para o todo, apesar da “negação” e do pouco reconhecimento por parte da elite pernambucana. Entendemos essas práticas como territorialidades por constituírem expressões materiais e simbólicas que garantam a apropriação e a permanência do território (CORRÊA, 2006, 252).

3.1 Vínculos comunitários e cotidianos: Territorialidades nos bairros do Recife – PE.

As sedes dos Maracatus-Nação têm funcionado como lugar de encontro e sociabilidade cotidiana de crianças, jovens e idosos que além de partilharem de valores culturais e simbólicos em torno dos aspectos étnicos, se articulam em torno de melhorias para o bairro, de momentos de lazer e de comunicação.

Cotidianamente, principalmente nos dias que antecedem e sucedem o carnaval, ocorre uma grande movimentação em torno das sedes. São pessoas que vão para confeccionar as roupas, como bordadeiras e costureiras; para fabricar ou afinar os instrumentos musicais; para confeccionar os adereços; para levar alimento a quem está trabalhando dia e noite; para conversar, observar, brincar, se divertir. O movimento é visível dentro e nas imediações das sedes, não só de participantes ativos dos Maracatus-Nação, mas também de toda a vizinhança. Há ainda os momentos de ensaios que tomam uma rua inteira, mobilizam a comunidade e criam um tempo-espaço de trocas de experiências, de partilha das dificuldades, de apreciação dos seus valores culturais. Nessas ocasiões, as sedes dos Maracatus-Nação, no contexto do bairro, são espaços de referências comunitárias e estão presentes no imaginário coletivo (**Figura 4**).

Cada Maracatu-Nação, mesmo tendo a sede como seu ponto referencial vinculada a um bairro, também se articula espacialmente além do seu espaço imediato, o que horizontalmente pode remeter às noções de extensão e abrangência. Os limites de atuação podem gerar espaços de intersecção entre mais de um Maracatu e espaços de exclusividade. Explica-se esse fato pela participação dos batuqueiros, de membros da corte, de pessoas que confeccionam roupas, instrumentos musicais, etc. provenientes não só do bairro onde se localiza a sede, como também de outros bairros ou de outros municípios. Ou então, um Maracatu-Nação não se estende a outro bairro por ali já haver a presença de alguma outra Nação.

Assim, ocorrem movimentos e itinerários em torno das sedes dos Maracatus-Nação. E diante do que expõe Rosendahl (2007), há uma territorialidade pautada nas relações que são mantidas com o lugar de referência, a sede (fixo) e as movimentações realizadas pelas pessoas nos itinerários que constituem o território.

Figura 4: O Maracatu-Nação Cambinda Estrela, da Comunidade de Chão de Estrelas, Recife - PE.



A confecção das roupas da corte do Maracatu-Nação. Costurar, bordar, cortar, desenhar vão além do ato de produzir. É um momento que envolve práticas e saberes cotidianos por meio de sociabilidades, vínculos comunitários, elos afetivos e referências territoriais e identitárias comuns. Chão de Estrelas, Recife - PE, Janeiro de 2012.



Fabricação e afinação de instrumentos musicais - saber transmitido comunitariamente e entre gerações que ocorre em momentos de intensa comunicabilidade e de construção coletiva e com a utilização de técnicas elaboradas e recriadas em diferentes contextos. Comunidade de Chão de Estrelas, Recife - PE. Fevereiro de 2012.



A sede do de Maracatu-Nação é lugar de encontro e de construção de vínculos sociais em torno da manifestação cultural. Nela ocorrem trocas de experiências e construção material e imaterial do Maracatu. Tem importante valor simbólico no bairro onde está inserida e está no imaginário coletivo do bairro. Chão de Estrelas, Recife - PE, Junho de 2011.



As matrizes africanas são as principais referências étnicas do Maracatu-Nação. A população de origem africana ao se deslocar das áreas centrais para ocupar lugares sem infra-estrutura urbana, levou consigo suas práticas culturais, instituindo nos bairros sua identidade cultural e definindo territorialidades. Comunidade de Chão de Estrelas, Recife - PE, Junho de 2011.



Crianças e jovens encontram nas sedes dos Maracatus-Nação espaços de sociabilidade e de suas referências identitárias. A sede é lugar de apoio, é um fixo no território, para onde ocorrem movimentos e itinerários. Comunidade de Chão de Estrelas, Recife - PE. Junho de 2011.



Cada Maracatu-Nação se estende além do bairro onde localiza-se sua sede, podendo abranger bairros vizinhos ou até bairros de outros municípios, como é o caso do Cambinda Estrela, que possui participantes da Vila Sotave (nesta foto), em Jaboatão dos Guararapes na RMR. Junho de 2011.

Registros Fotográficos: Cleison Leite Ferreira, Região Metropolitana do Recife, Junho de 2011 e Fevereiro e Março de 2012.

3.2 Territorialidade religiosa nas sedes e nas ruas do Recife – PE.

O Maracatu-Nação esteve associado na sua formação ao catolicismo vivenciado por leigos, o que permitiu uma possível flexibilidade das suas práticas, levando-os a se associarem ao longo dos anos ao Xangô, à Jurema e à Umbanda. Isto ocorreu principalmente pelas perseguições no Recife aos terreiros e às práticas religiosas da população de ascendência africana, que encontrou no Maracatu espaço seguro onde, de forma camuflada, conseguiu realizar seus cultos e obrigações religiosas, o que foi aos poucos sendo incorporado ao cortejo e à manifestação propriamente dita. Para os “fazedores” de Maracatu, aquele que “não faz obrigações religiosas não é Maracatu. É grupo folclórico, é grupo de palco”.

Atualmente é comum as sedes dos Maracatus-Nação abrigarem também um terreiro de Xangô dedicado a algum Orixá e terem no espaço lugar de devoção aos Caboclos e Mestres da Jurema Sagrada (religião de matriz indígena) e às entidades da Umbanda (Pomba-Gira, Preto-Velho). Quando não ocorre dessa forma, há pelo menos um “quarto” onde são realizadas algumas obrigações religiosas de cunho mais individual e com intenção de preservar a integridade dos participantes do Maracatu-Nação.

Os Maracatus-Nação realizam as obrigações religiosas, seja no Terreiro em comum com a Sede, seja em Terreiros presentes nas comunidades, como forma de proteção antes sair às ruas (**Figura 5**). Além disso, cada Maracatu carrega consigo a representação de uma entidade, um ancestral ou Egum, na figura de uma boneca chamada Calunga (**Foto 4**), que recebe também as obrigações feitas num cômodo do Terreiro, denominado Balé, com um altar específico para ela. As obrigações religiosas são rituais que compõem um segredo partilhado entre os membros do Terreiro e dos Maracatus-Nação, não podendo ser reveladas para não participantes do Xangô. São feitas também para os instrumentos musicais, para as roupas e para todas as pessoas que saem no cortejo. Sabe-se, no entanto, que quando precisam falar das obrigações para as Calungas e aos demais ícones, utilizam termos como “já demos de comer às Calungas” ou “é aqui que as Calungas comem e ficam no resguardo”, não podendo explicar o ritual.

Os Maracatus-Nação, ao irem às ruas, estão providos de sentimento religioso e sua passagem vai dotando o espaço ocupado por uma identidade fundamentada nos terreiros e nas sedes. Ao adentrar uma avenida com suas Calungas guiadas por Damas do Paço, os Maracatus firmam ali uma territorialidade impregnada de símbolos e de valores culturais. A Dama do Paço é a guardiã da Calunga. Só ela pode tocar e carregar, devendo por isso realizar obrigações religiosas (**Figura 3**).

Um “tempo-espaço” bastante significativo para os Maracatus-Nação é o ritual “Noite dos Tambores Silenciosos” que acontece todos os anos na segunda-feira de carnaval, no pátio da Igreja do Terço no centro da cidade do Recife. É uma cerimônia realizada em homenagem aos Eguns, quando todas as Nações de Maracatu após se apresentarem uma a uma, silenciam seus tambores à meia-noite e recebem a presença de Babalorixás e Yalorixás (**Foto 5**) que fazem preces em Iorubá em homenagem aos ancestrais africanos. Assim, permeado de elementos simbólicos e sagrados, o Pátio do Terço, espaço de devoção católica, é apropriado e ressignificado naquele momento como um território sagrado para as religiões de matriz africana. A sua sacralização dá-se com a presença de Calungas, Caboclos, Orixás, Pais e Mães de Santo, guias e tantos outros elementos, os quais configuram uma territorialidade religiosa, ou seja, representam um conjunto de práticas sociais e simbólicas no sentido de controle e apropriação do território “onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo” (ROSENDAHL, 2005, p. 12934).



Foto 4: A Dama do Paço do Maracatu-Nação Sol Nascente e a Calunga, no Ritual Noite dos Tambores Silenciosos, no centro do Recife (PE). Presença religiosa e sagrada nos Maracatus-Nação.

Figura 5: Relação entre os Maracatus-Nação e as Religiões de Matriz Africana.

Sede-Terreiro da Nação Estrela de Olinda



No centro do terreiro está a pedra fundamental da casa dedicada a Xangô e sede do Maracatu. Esse ícone de origem nos cultos de matriz africana representa a força e a essência do terreiro, onde também são feitas as obrigações para o Maracatu-Nação. Guadalupe, Olinda - PE. Março de 2012.

Sede da Nação de Luanda



Os instrumentos musicais ocupando o mesmo espaço dos ícones religiosos. Nesta foto, alfaías e gonguês no quarto dedicado à Jurema Sagrada, na sede do Maracatu Nação de Luanda. Cidade Tabajara, Olinda - PE. Março de 2012.

Sede-Terreiro da Nação Encanto da Alegria



As Calungas do Maracatu-Nação Encanto da Alegria no espaço dedicado ao culto aos Orixas, o terreiro de Xangô. A Calunga representa Egum, é ancestral, e sem ela o Maracatu não sai. Ela faz ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos e é a essência do Maracatu. Bairro Mangabeira, Recife - PE, Junho de 2011.

Sede da Nação Cambinda Estrela



A única pessoa autorizada a tocar a Calunga é a Dama do Paço. Esta faz obrigações religiosas para mantendo a integridade de todos da Nação. «É uma responsabilidade que não pra qualquer pessoa», como diz a guardiã da Calunga do Cambinda Estrela. Comunidade de Chão de Estrelas, Recife - PE, Março de 2012.

Registros fotográficos: Cleison L. Ferreira, Região Metropolitana do Recife, Junho de 2011 e Março de 2012.



Foto 5: Babalorixás e Yalorixás, Sacerdotes do Xangô, no Ritual Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço, Recife (PE), prestando homenagens aos ancestrais – os Eguns, africanos e afro-brasileiros.

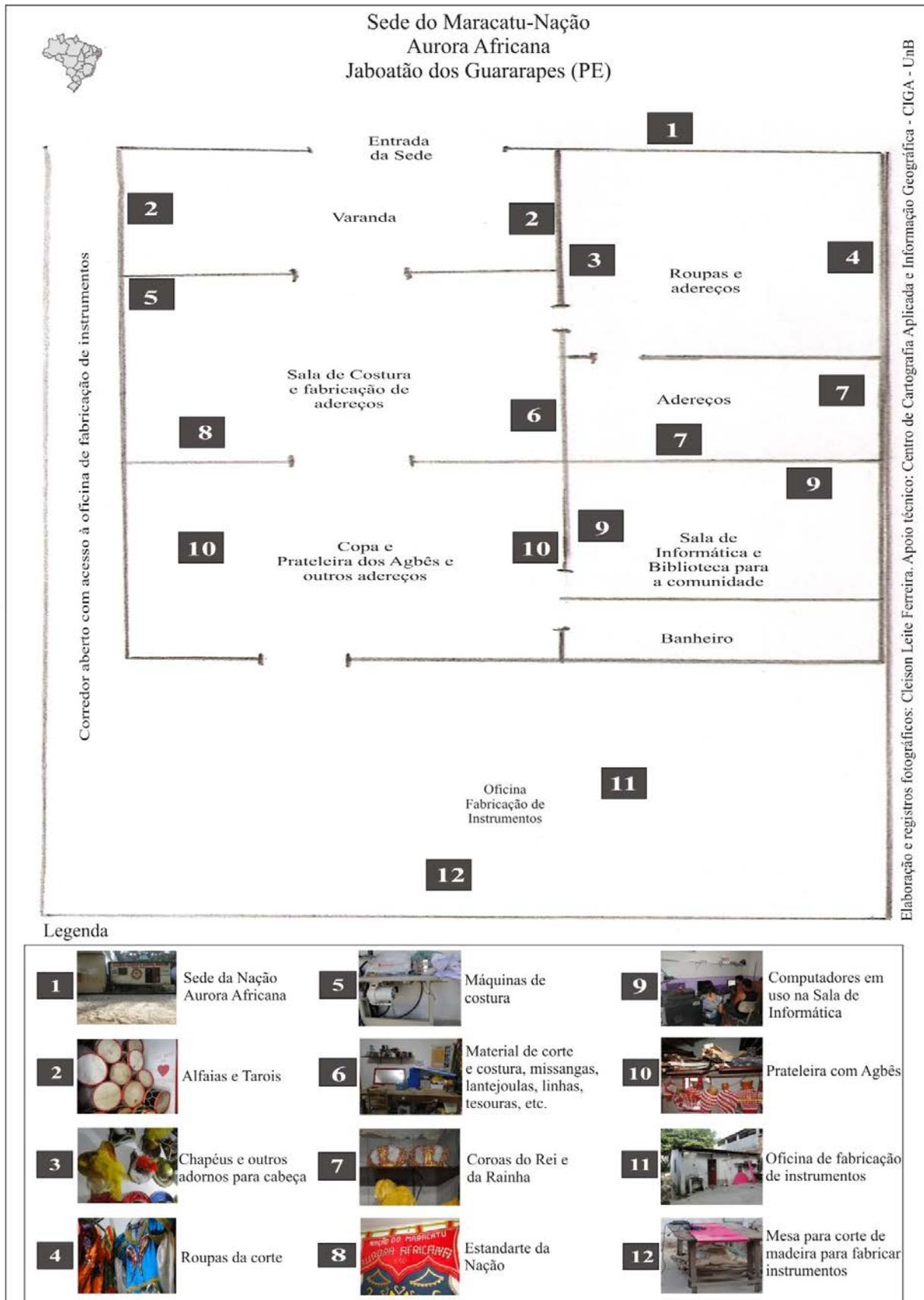
4. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS SEDES DOS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO

Não pretendemos aqui identificar ou indicar padrões de organização de sedes de Maracatu-Nação, isto porque mesmo tendo uma finalidade comum, existem particularidades e situações diferentes que leva cada Nação a fazer o seu arranjo espacial. Em pesquisa de campo foram observadas as seguintes realidades:

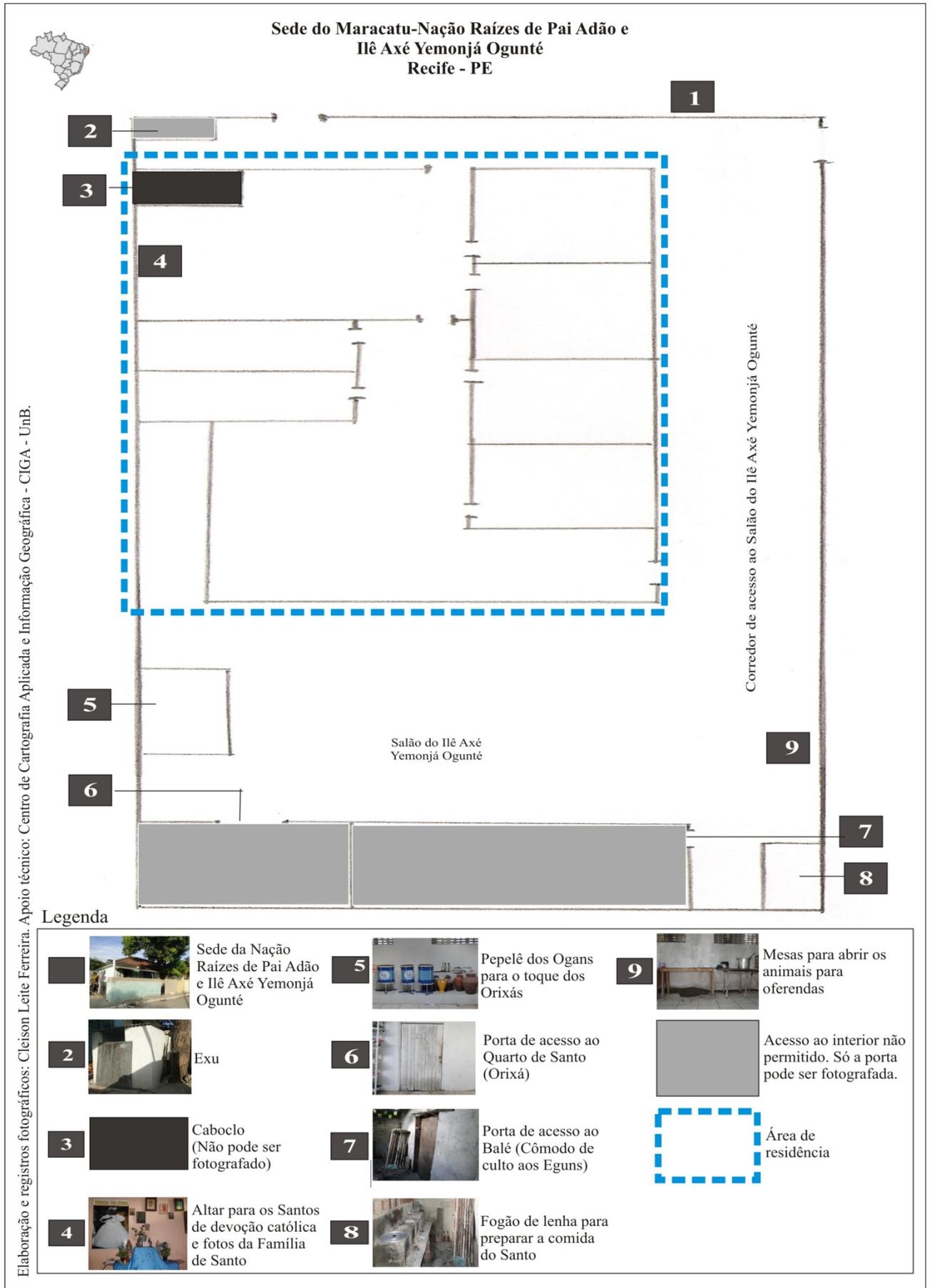
- a) A sede é residência e não tem cômodo separado para guardar o patrimônio material, ocupando quartos, sala, varanda;
- b) A sede é residência, mas tem cômodos específicos para guardar o patrimônio material;
- c) O Maracatu-Nação possui sede própria, sem terreiro de Xangô.
- d) O Maracatu-Nação possui sede própria onde é guardado o material e tem terreiro de Xangô.
- e) A sede do Maracatu e o terreiro de Xangô configuram o mesmo espaço.

A seguir serão representadas duas realidades de sedes de Maracatu-Nação, tendo preservados alguns espaços que devido à questão religiosa não podem ter o seu interior exposto, sendo que nesses casos as suas medidas foram inferidas e informadas pelo responsável pela Nação.

I- O Maracatu possui sede própria, sem terreiro de Xangô



II-A Sede do Maracatu e o Terreiro de Xangô configuram o mesmo espaço.



Os Maracatus-Nação, possuindo ou não em suas sedes um terreiro de Xangô não se desvinculam da religião de matriz africana, o que serve tanto para se legitimarem como afirmarem suas tradições, reelaborando-as conforme o contexto, as suas necessidades e seus interesses, o que não significa descaracterização. Assim, não há como considerar cultura enquanto um fim em si mesmo. Para Santos (2007):

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (SANTOS, 2007, p. 81)

No caso dos Maracatus essa abertura para as transformações enquanto adaptação não ocorre de forma alienante e passiva. Tanto é que elementos tidos como tradicionais os acompanham. Continuidade não significa linearidade e repetição. Mas o estar no mundo e ser visto requer desdobramentos que configuram em novas formas e isto se dá conscientemente. Vale ainda considerar outras palavras de Milton Santos:

A cultura popular tem suas raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, a vontade de enfrentar o futuro sem romper a continuidade. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se tecem entre o homem e o seu meio. Assim, desde que imunizadas contra os fatores de banalização que o consumo, entre outras causas, carrega, as populações desenraizadas terminam por reconstruir uma nova cultura popular, que é ao mesmo tempo filosofia e, por isso, um caminho para a libertação. (SANTOS, 2007, p 86)

As sedes dos Maracatus-Nação tanto podem representar esse elo com as tradições, ao se articularem com terreiros ou os terem no mesmo espaço, como podem trazer à tona a possibilidade de comunicação com a contemporaneidade. Nesse movimento definem territorialidades nas comunidades da periferia e repercutem no centro, concedendo identidade cultural à totalidade.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As práticas sociais e culturais da população de ascendência africana no Brasil merecem muito mais atenção, principalmente devido às lacunas ainda existentes e resultantes dos anos de história ignorada. A população de origem africana no Brasil construiu e vem construindo um importante legado que envolve organização social, política e econômica, nos mais diferentes espaços, deixando registradas no território significativas referências étnicas e identitárias, muitas vezes escamoteadas tanto pelo poder público como pela população em geral.

Esse estudo sobre os Maracatus-Nação de Pernambuco é um primeiro passo na tentativa de aprofundar nas territorialidades advindas da população de matriz africana. É uma interpretação preliminar, necessitando de um estudo contínuo. Nesse sentido, concluímos e recomendamos que:

- Os Maracatus-Nação devem ser entendidos como práticas culturais, políticas e sociais. Por serem construções de sujeitos históricos não podem ser vistos *apenas* no seu valor patrimonial-simbólico, que os engessa e os condena a permanecerem intactos e neutros diante da realidade da qual fazem parte. Visão que os coloca como alegorias e fato folclórico. Se são formados por atores sociais, e estes vítimas de um contexto urbano excludente, os Maracatus-Nação devem ser entendidos como espaço de reivindicação e de visibilidade, não como reprodução, sem saída, de heranças de um passado, quando na dor da escravidão e do distanciamento da África só lhes restava um “brinquedo” para dirimir o sofrimento e a nostalgia, como pensaram e difundiram diversos estudiosos e folcloristas.

- Territorialidades significativas são construídas em seus bairros-sedes onde estão vulneráveis a diferentes adversidades, porém não mais as perseguições de outrora, mas ao abandono do poder público, o que faz com seus aspectos culturais ocupem as áreas centrais da cidade e impondo suas práticas no espaço, o que certamente, configura formação de territórios. Estes se tornam importantes pelo fato de que as pessoas com um histórico de perseguição e de exclusão espacial conseguem se articular e manter uma unidade permeada de aspectos comuns, que dão o sentido de pertencimento a uma base territorial, que não é “sua” cotidianamente, mas se apropriam, já que o todo, a cidade, o estado, o país, do qual fazem parte não as consideram em seus processos. Como bem diz Anjos (2010), é necessário que a população de ascendência africana no Brasil se sinta de fato brasileira.

- É necessário que o poder público os atenda em suas demandas; que as divisas que geram para os municípios dos quais fazem parte e para o próprio estado de Pernambuco possam se reverter em políticas públicas específicas para a população de ascendência africana, não de forma exclusivista, mas de forma a reconhecer que essa parcela da população que não é minoria, com um histórico de exclusão socioespacial e um presente que ainda não a enxerga devidamente, precisa de ações afirmativas que corrijam as marcas do passado e eliminem o racismo ainda tão presente no contexto da Região Metropolitana. Apesar de os momentos festivos colocarem em evidência a população de origem africana, por meio dos Maracatus-Nação, é preciso que no seu cotidiano, no retorno as suas comunidades após os dias de carnaval ou outras apresentações, elas também sejam vistas e estejam em relevância para as ações governamentais.

- O Pátio do Terço, os terreiros, os bairros constituídos por distintas referências étnicas de matriz africana, representam territórios onde a população afrodescendente adquire, constrói e vive sua identidade, mas também, numa dimensão política e simbólica, dão novos sentidos aos espaços, diferentes dos sentidos cotidianos, concedendo identidade para a totalidade. Nestes espaços encontram elos comunitários, segurança diante das adversidades, momento de festa e de culto, reconhecimento e direito a voz. E mesmo com todas as pressões, tanto os terreiros de religiões de

matriz africana como os Maracatus-Nação têm grande força significativa presente nos espaços da cidade, devido às personalidades reconhecidas que estiveram ou que ainda estão à sua frente, e já ocupando o imaginário coletivo como é o caso dos ancestrais Dona Santa do Maracatu-Nação Elefante, Pai Adão do Terreiro Obá Ogunté, as Tias do Terço Badia, Iaiá e Sinhá, Mestre Luiz de França do Maracatu-nação Leão Coroado, Mãe Biu do Terreiro Santa Bárbara e dos vivos e atuantes como Dona Marivalda do Maracatu-nação Estrela Brilhante do Recife, Pai Clóvis e Sr. Toinho do Maracatu-Nação Encanto da Alegria e Ivaldo Marciano do Maracatu-Nação Cambinda Estrela.

- Muitos terreiros e Maracatus-Nação se confundem com o próprio bairro onde estão sediados, sendo referências étnicas, territoriais, identitárias e socioespaciais, e carregam em si a magnitude do que representa o contingente populacional de ascendência africana no Recife e no Brasil como um todo. É preciso considerar esses espaços como bens patrimoniais para toda a cidade, pois estão permeados de valores históricos, culturais e humanos construídos secularmente pela população de origem africana, permitindo melhor valorização e respeito não só dos aspectos culturais, como os Maracatus-Nação e as Religiões, mas de toda essa população que diariamente se articula, apesar das mazelas sociais e políticas, para manter vivas suas práticas e tradições.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R. S. A. **A África brasileira: população e territorialidade**. Textos Básicos do CIGA, Ano 1, Número 1, 2010. 52 p.

_____. **Territorialidade Quilombola: Fotos e Mapas**. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2011. 124 p.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, L. S. (orgs) **Território: Fragmentação e Globalização**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 2006. p. 251-256.

GUERRA-PEIXE, C. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1981. 173 p.

GUILLEN, I. C. M. Maracatus-Nação, uma história entre a tradição e o espetáculo. In: GUILLEN, I. C. M. (org.) **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: EdUFPE, 2008. p. 183-199.

PERNAMBUCO. Prefeitura da Cidade do Recife. Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife, 2005.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica**. Coleção Geografia Cultural, Rio de Janeiro, EdUERJ/NEPEC, 1996. 92p.

_____. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, Anais, São Paulo, USP, 2005.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M; BECKER, B. K. et. al. (orgs) **Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p. 13-21.

_____. **O Espaço do cidadão**. São Paulo, EdUSP, 2007. 176 p.

SOUZA, M. M. **Reis Negros no Brasil Escravista – História da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006. 387 p.

TINHORÃO, J. R. **As Festas no Brasil Colonial**, São Paulo: Editora 34, 2000. 176 p.